

Joana Lapa

Lettera Amorosa – Iluminações e Sombras

Apresentação: Robert Bréchon e Maria João Fernandes

Edições Afrontamento

Novo livro de poesia, *Lettera Amorosa – Iluminações e Sombras*, de Joana Lapa (pseudónimo de Maria João Fernandes, uma das mais distintas críticas, ensaístas e historiadoras de arte).

Lettera Amorosa, além do encantamento que o labor poético nos proporciona, é uma obra graficamente esmerada, integrando desenhos e pinturas de Gonçalo Salvado e Joana Lapa, enquanto João Vieira assina as fotografias/retrato da autora.

O prestigiado crítico e poeta francês, Robert Bréchon, em prefácio para este livro (que em manuscrito dirigiu à escritora em 2010), realçou: «Joana Lapa é herdeira das grandes poetisas do amor, cujos versos cantam na nossa memória: Louise Labé, Marceline Valmore, Elisabeth Browning, Emily Dickson, Anna Akhmatova, Marina Tsvetaeva. Faz parte do seu bando alado. Mas renova a sua mensagem (...)».

O discurso poético de Joana Lapa / Maria João Fernandes, tendo, de facto, um espírito renovador na densidade e beleza do dizer amoroso, consegue ainda o brilho de uma imagética plena de espontaneidade numa temática (a amorosa) em que se torna difícil encontrar o equilíbrio estético. Vejamos essa essência no poema *Mais Vida*, um poema curto, todavia imenso, total na sua claridade: «Mais vida, mais luz, / mais fulgor enlouquecido, / mais florestas sobre o mar / e um ouro antigo, / mais rios a fluir da madrugada / e os teus lábios entre a minha sede / e o nada, / mais asas e voos ao meio-dia, /sem mistério e sem sombras, / só a plenitude do ar / dança, / infinito idioma da alegria.»

Robert Bréchon destacou que a poesia de Joana Lapa / Maria João Fernandes «é uma incrível chuva de imagens (...) imagens do mundo visível e sensível», esse mundo de «iluminações e sombras» que a autora transfigura escapando ao excesso, vigiando cada símbolo, ligando e religando com mestria todos os elementos necessários à exigência do próprio poema enquanto corpo natural e intelectual do Eu e do Tu, enquanto medida do real e do mito, da presença e da ausência do ser que ama e do ser amado; enquanto consciência da linguagem que procura a «nascente», a luz, as «sementes», o «avesso do tempo», as tonalidades dos conflitos, a matéria dos silêncios; que no labirinto de si busca também o sonho e a alegria, o desejo, o «misterioso *bouquet* de soluços e sorrisos».

Quem é Joana Lapa? Maria João Fernandes, em nota de introdução do seu novo livro de poesia, define-a como «desdobramento em que sou una». Esmiuçando o seu verbo poético, o seu «reino das palavras», não nos preocupa se estamos perante uma autora que noutros autores encontrou caminhos e desafios, nomeadamente na dádiva literária de Mariana Alcoforado (num poema quase do final de *Lettera Amoroza*, Joana Lapa adota-a como «minha irmã das noites insones»). Todo o escritor, todo o artista deve estar grato aos que lhe alimentam o significado da Arte, da criatividade. É justo e bom que façam eternamente parte do seu firmamento, da celebração da vida e do Amor, da «harmonia sonhada». Joana Lapa tem, no entanto, o seu caminhar singular, a sua fala, a sua individualidade, a sua interioridade. E ousa o seu cântico poético, sublime cântico amoroso. Se Joana Lapa é uma personagem que Maria João Fernandes cria para ser de si espelho fiel do «visível e do invisível», para lhe simbolizar «a noite e o dia», o «jogo de paradoxos», poder-se-á acrescentar que talento e brio não lhe faltam. Se Joana Lapa é a sabedoria, a experiência, a sensibilidade e a agudeza, a mulher da escrita e da cultura que melhor conhecemos acompanhando ao longo de tantos anos o profissionalismo de Maria João Fernandes, ainda bem. Se Maria João Fernandes é o verso total de Joana Lapa, luminoso na sensualidade

dos amantes, no recato e no êxtase do corpo e do espírito, celebre-se então o mistério dessa respiração.

Atentemos, aliás, no modo como Maria João Fernandes interpreta a poesia de Joana Lapa, assumindo sem reбуço este exercício analítico no texto que integra *Lettera Amorosa*:

«O que esta poesia tem de fundamental e talvez único é este incessante jogo entre o consciente e o inconsciente cujas fronteiras afinal se diluem no meu discurso de hoje. Fundir as minhas metades, mantendo a diferença, não será esse o (meu) sonho mais secreto, o sentido deste amor que ousou nomear depois de William Blake, e como mulher, não já como o casamento do céu e do inferno, mas da realidade e do sonho que está na sua origem, da matéria e do espírito feitos um só corpo. Não será esse o sonho de toda uma civilização?»

Um dia, ao referir-me a um outro magnífico trabalho poético de Maria João Fernandes, intitulado *Dias de Seda* (poemas acompanhados pelas cores únicas dos pincéis de Júlio Resende), sublinhei que a poesia desta autora pertence ao domínio da «palavra encantada», bailando contida e ao mesmo tempo fulgurante. E volto a dizê-lo.

Ficamos entretanto a aguardar *Deusa da Transparência*, cuja edição está já a ser preparada.

© MARIA AUGUSTA SILVA

Poemas

EXTRAÍDOS DE "LETTERA AMOROSA"

Visão

Ordeno ao tempo que detenha o seu curso
e às águas verdes e pensativas
que sustentam nos ramos da melancolia
os últimos raios de sol,
os beijos e as doces palavras,
aquelas que não pousaram no papel
e aguardam a Primavera para florir
entre as abelhas e os ninhos das cotovias,
palavras que se esgueiram furtivas
e se oferecem como as rosas e o mel,
numa efusão silenciosa e lenta
de perfume e de esperança...
O tempo detém-se um instante
para soletrar a palavra amor
e com essa pequena palavra
desafia o universo.

Ode ao Corpo

Ofereço-te o meu corpo
para que o vistas de doçura,
para que o deites na bruma entre videiras
e bebas os seus cachos na taça do dia.

Os meus olhos de fundo de mar
com os seus peixes e corais
procuram a paz do teu olhar
e as minhas mãos querem prender as tuas
à prata dos astros, à fantasia
das luas vermelhas e douradas
e querem-te junto a mim,
secreta e nua.

A cintilação da delícia pura,
halo da noite em que sou tua,
solta as asas azuis do espaço,
breve respiração do tempo.

Meu amor, o meu corpo é a minha alma.

Girassóis

Quando nada mais puder dizer,
quando a tua lembrança
lançar sobre mim a noite
de um manto de estrelas
e nesse firmamento voltar a nascer
a criança que fui antes de te amar,
girassóis hão-de florir
entre os astros
anunciando o nosso amor.

Manuscrito

ORIGINAL DO POEMA "LETTERA AMOROSA" QUE DEU O TÍTULO AO LIVRO

O amoroso vira'
resplandecente
de feitor amantíssimo
e libertará da noite
a lua para aviar o sol.

Sentiu-me ei tua,
a fome teia' o seu fôr,
e os rios e os mares, o seu fogo,
tudo converte para mim.

Ense calor eu o bendigo,
essa perfeição absoluta
que ninguém esperava,
essa bênção da noite à alvorada,
prodigiosa oração.

O reino das metáforas abriu-se
e delas nasceu uma laranja,
sol do coração a irradiar
a madura celebração do infinito.

A amorosa desfia o seu manto de trevas
e coberta de estrelas
subirá ao lado do amoroso
a exorta de todas as vagas,
uma após outra rebentando em luz
e nessa clareza fousará o espaço

e fousará
os olhos e os beijos e as carícias
e o abraço, lenta, saborosa
confissão de amor.

Alquimia dos fassuros,
das flores de todas as cores,
das reações ardendo como chamas redondas.
Ah, o tempo bem pode ir-se
e o espaço recolher as suas rodas
cheias de prodígios e de lágrimas.

Terças sílabas voam, casal de fassuros
escrevendo nas nuvens
a sua liberdade.

Doce migração do sentido,
dos seus traços, da sua breve, agreste civilização,
na obscuridade quadifica
do fogo das maravilhas e das palavras.

O amoroso vira' come a palavra.

"Lettera Amorosa"

Joana Vapora

Memória

UM POEMA DE MARIA JOÃO FERNANDES AOS 9 ANOS

